

ÕFAZER(-SE) DE BOBO, DAR (UMA) DE BOBO E PASSAR(SE) POR BOBOö: COMO FUNCIONAM?

Jeane Nunes da Penha¹

RESUMO: Com base na Linguística Funcional-Cognitiva (BYBEE, 2003; DIESSEL, 2015) e na Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995, 2006) e levando em consideração os fenômenos de mudança (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013) e da variação (CAPELLE, 2006; HILPERT, 2014; WIEDEMER & MACHADO VIEIRA, 2018b), este artigo focaliza a configuração morfossintática, lexical, semântica, discursiva, pragmática e cognitiva de construções com verbos-suportes do Português Brasileiro do tipo [verbo suporte + preposição + nome], tais como: *fazer de tonto(a)*, *dar uma de difícil*, *passar por inteligente*. A metodologia de análise para composição dos corpora deu-se por meio de coleta de dados em textos escritos (via *Google*), e busca-se: mapear as propriedades envolvidas nesses tipos de estruturas e observar se há indícios de variação, mudança construcional ou de construcionalização. Os resultados indicam que determinados construtos da construção mais esquemática são empregados pelos falantes quando há uma tentativa de causar uma ação direta ou indireta sobre o seu interlocutor ou para dissimular uma real intenção ou sentimento com relação a uma situação. Além disso, alguns domínios discursivos contribuem para detectar variação entre algumas formas, percebidas como aloconstruções.

Palavras-chave: Construções com verbos suportes. Linguística Funcional-Cognitiva. Gramática de Construções.

ÕFAZER(-SE) DE BOBO, DAR (UMA) DE BOBO E PASSAR(SE) POR BOBOö: HOW DOES THEY WORK?

ABSTRACT: This paper focuses on the Functional-Cognitive Linguistics perspective (BYBEE, 2003; DIESSEL, 2015) and Construction Grammar (GOLDBERG, 1995/2006), considering the phenomena of change (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013) and variation (CAPELLE, 2006; HILPERT, 2014; WIEDEMER & MACHADO VIEIRA, 2018b) the semantic, discursive, pragmatic and cognitive functioning of constructions with support verbs of Brazilian Portuguese of the type [support verb + preposition + name], such as: *fazer de tonto(a)*, *dar uma de difícil*, *passar por inteligente*. The analysis methodology for composing the *corpora* took place through the collection of data in written texts (via *Google*), and seeks to: map the properties involved in these types of structures and observe if there are signs of variation, constructional change or constructionalization. The results indicate that certain constructs of the most schematic construction are employed by the speakers when there is an attempt to cause a direct or indirect action on their interlocutor or to hide a real intention or feeling regarding a situation. In addition, some discursive domains contribute to detect variation between some forms, perceived as allostructions.

Keywords: Constructions with support verbs. Functional-Cognitive Linguistics. Construction Grammar.

¹ Mestre em Letras Vernáculas/Língua Portuguesa. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: jeane.nunes@letras.ufrj.br Orcid: 0000-0002-3889-0251

Introdução

O presente artigo possui como enfoque a análise sincrônica sobre a *forma* (morfossintática ou lexical) e a *função* (semântica, discursiva, pragmática ou cognitiva) de construções retiradas do âmbito escrito com verbos suportes do Português Brasileiro do tipo [VERBO SUPORTE + PREPOSIÇÃO + NOME] como as ilustradas a seguir:

Ex. 1: ðVou **me fazer de salame** e aceitar essa tua desviada do assunto soh porque o Danilo também me preocupaö [Fonte: <https://twitter.com/canariopistola/status/1007335102907666439>].

Ex. 2: ðE o Bahia? Bahia x Guarani, negada. O Guarani já vai estar quase na Série A. Mas vai tentar ganhar. O Bahia que não invente de **dar uma de bobo** (não de Bobô, mas de bobo)ö [Fonte: <http://globoesporte.globo.com/ba/torcedor-bahia/platb/2009/11/11/analizando-essa-tabela-hereditaria/>].

Ex. 3: ðEu detestava **passar por burra** e, embora eu sempre tenha sido uma artista muito livre e corajosa, pessoalmente tinha dificuldade de me expressar.ö [Fonte: <https://revistacult.uol.com.br/home/a-hora-da-estrela/>].

Por meio dessa investigação tenciona-se: (i) analisar e descrever as propriedades relativas à configuração formal, semântica, discursiva, pragmática, e cognitiva envolvidas nesse tipo de estrutura no Português Brasileiro (PB); (ii) oferecer representação dos esquemas construcionais que licenciam os constructos dessas construções a partir dos parâmetros de produtividade, esquematicidade, composicionalidade (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013) e contextualidade (GOLDBERG, 2016); e (iii) investigar se há indícios de estabilidade, variação (por convivência ou competição) e averiguar a natureza (por similaridade, semelhança simbólica ou padrão discursivo) com base no que propõe Machado Vieira (2016) e Machado Vieira & Wiedemer (2019, 2020), mudança construcional ou de construcionalização.

Inicialmente, os estudos sobre construções com verbos-suportes priorizavam ora a análise de estruturas gramaticais ora a análise de estruturas lexicalizadas (idiomatismos). Trabalhos como o de Souza & Prezotto Júnior (2017) já evidenciam a análise conjunta entre estruturas gramaticais e lexicais. Com igual propósito, neste trabalho todas as construções que se vinculam ao padrão em foco serão objetos de investigação. Com base no que propõe Machado Vieira (2014), essas construções encontram-se num *continuum* estrutural. Sendo

assim, como uma das hipóteses defendidas neste artigo, espera-se que (i) algumas estruturas sejam mais fechadas e, então, quase sem possibilidade de inserção de unidades construcionais nos *slots* (ou seja, lexicalizadas, cristalizadas), outras sejam parcialmente preenchidas (semi-lexicalizadas, semi-idiomáticas) e ainda haveria aquelas cuja natureza é mais aberta a combinações, sujeitando-se a um *ôlequeô* mais ou menos amplo de opções de preenchimento nos *slots* (sejam elas gramaticais ou lexicais).

Outras hipóteses que norteiam esta investigação são: (ii) os usos dessas construções configuram uma estratégia discursiva adotada pelos falantes, que em alguns momentos possuem como intuito causar um(a) efeito/ação (explícita ou implicitamente) sobre o seu interlocutor (real ou estimado) e, em outros casos representam uma tentativa do falante de *ômascararô* sua verdadeira intenção frente a uma situação e/ou alguém; (iii) embora haja diferenças formais entre algumas construções em estudo (como por exemplo, *fazer(-se) de vítima, dar (uma) de vítima, passar(-se) por vítima*), acredita-se que, para os falantes, a escolha entre uma forma ou outra não acarretaria mudança no significado em alguns contextos.

Este artigo subdivide-se em quatro seções: após esta, serão apresentadas as orientações e concepções das correntes teóricas que conduziram esta pesquisa; na segunda seção, detalham-se elementos do enfoque metodológico, a formação do *corpus*, bem como o tipo de análise utilizada para a obtenção dos resultados; a seção seguinte expõe os resultados obtidos; na quarta seção, apresenta-se a análise da configuração das construções em estudo; e, ao final, expõem-se as conclusões logradas neste estudo e as referências.

1 Aporte teórico-explicativo: uma abordagem baseada no uso

Para esta investigação, adota-se a perspectiva funcionalista centrada no uso, pois se concebe a língua como instrumento de interação social. Por isso, analisam-se as relações das estruturas gramaticais presentes nas línguas, assim como seus diversos usos nos diferentes contextos em que estão inseridos. Sendo as línguas naturais descritas através das instâncias de uso, se reconhece o caráter heterogêneo da língua, logo, a língua se configura com base nos fenômenos de estabilidade, variação e/ou mudança construcional.

Além de estar fundamentada em processos sociointeracionais e culturais, a língua ainda está baseada em processos cognitivos de domínios gerais, logo, articula-se os pressupostos da Linguística Funcional com a Linguística Cognitiva, uma vez que, na

abordagem Cognitivista, à linguagem não é concebida como um componente independente da mente, pois é impossível pensar em conhecimento linguístico e conhecimento não linguístico como dois cernes excludentes. Os significados são inferidos a partir de dados contextuais ricos e dinâmicos, uma vez que estes são resultados de processos complexos de integração entre diferentes domínios do conhecimento.

Defende-se que as línguas naturais são compostas por construções gramaticais. De acordo com Goldberg (2006), as construções são unidades básicas da língua formadas por um pareamento convencionalizado pelos falantes entre forma (fonético-fonológica, segmental e suprasegmental, morfossintática, lexical) e significação/função (semântica, pragmática, discursiva e cognitiva) como esquema simbólico, dado que são associações arbitrárias de forma e significado. Neste modelo teórico, o foco não recai sobre os elementos específicos, mas sobre a instanciação dos esquemas na relação com as subpartes por eles licenciadas e seu nível de relação. Assim, a língua, por consequência, é definida como um conjunto de construções hierárquicas que, interconectadas, compõem uma rede construcional extensa.

Segundo Traugott & Trousdale (2013), as construções podem ser definidas a partir de três parâmetros: (i) produtividade, relacionada com a extensibilidade que ela sanciona outras construções menos esquemáticas, tem a ver com o surgimento de novos *types* (tipos) construcionais e os *tokens* (frequências com que um estímulo é encontrado e processo no ambiente) de seu uso; (ii) composicionalidade, que se trata do nível de opacidade da ligação semântica/sintática entre os atributos forma e significado dos componentes da construção; e (iii) esquematicidade, categoria abstrata ligada ao desenvolvimento de esquemas (discutidos em termos de *slots*) e subesquemas, ou seja, consiste num processo de categorização das construções, segundo o grau de generalização/abstração e/ou especificidade que elas representam em termos de conhecimento linguístico sobre a estruturação e as formas que se compatibilizam a esta.

A categorização das construções em esquemas e subesquemas nos permite observar quatro níveis de abstração das construções: (i) macroconstrução (nível mais alto, por isso o mais abstrato e com mais opções de preenchimento dos *slots* aos quais se compatibilizam unidades linguísticas); (ii) mesoconstrução (subesquema construcional, no qual se observa um conjunto de similaridades observáveis entre construções diversas); (iii) microconstrução (que envolve as construções individuais substantivas/preenchidas); e (iv) constructo (uso manifestado em *corpus* sem nenhum grau de abstração, que devido seu caráter inovador

indicam uma variação que pode se dar nos componentes do pareamento (forma e função), acarretando processos de mudança construcional).

Para esta análise, considera-se, ainda, o princípio da contextualidade devido sua importância na produção do sentido das construções nos diferentes contextos em que os constructos/ usos destas estão inseridos (GOLDBERG, 2016).

Pensando na concepção de variação presente no modelo construcionista, Machado Vieira & Wiedemer (2020) apresentam três tipos de variação. A primeira se daria por meio de similaridade entre *allostructions* (cf. CAPELLE, 2006). As *allostructions* são ou traduzidas em aloconstruções são estruturas em alternância formalmente divergentes, mas funcionalmente iguais de uma construção mais abstrata, a metaconstrução (WIEDEMER & MACHADO VIEIRA, 2018a, 2018b, MACHADO VIEIRA & WIEDEMER, 2019), responsável por capturar as semelhanças entre os padrões em alternância. Além das semelhanças, a metaconstrução também captura relações analógicas. A segunda se dá por semelhança simbólica pelo processo de analogia e está estritamente relacionada às funções que uma construção pode desempenhar em diversos enunciados. Nas palavras de Machado Vieira & Wiedemer (2020, p. 284-285):

Como resultado da mudança, há o recrutamento de um item para um novo subesquema/uma microconstrução que pode decorrer de pensamento analógico, que é um mecanismo de mudança denominado de analogização (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013), e, conseqüentemente, codifica novos significados relacionados ao significado anterior ou motivados por este, que passam a ser rotinizados, reanalisados ou convencionalizados pelos usuários da língua.

O último tipo de variação apresentado pelos autores se dá por padrão discursivo² e está ligada ao cenário discursivo. Neste tipo de variação se aborda que determinadas construções são acionadas/licenciadas por determinados contextos/padrões discursivos (cf. MACHADO VIEIRA & WIEDEMER, 2020).

2 Corpus e metodologia

Esta investigação de natureza qualitativa e quantitativa busca analisar as relações das estruturas gramaticais presentes no Português Brasileiro, assim como seus usos em diferentes

² Noção apresentada em Leino & Ostman (2005).

contextos. Para tal, iniciou-se um processo de busca (via *Google*)³ por dados do uso em fontes escritas diversas, num levantamento de 977 (novecentos e setenta e sete) dados coletados de jornais e revistas *online*, redes sociais (Facebook, Instagram, Twitter), Yahoo pergunta, sites de reclamação, blogs, fóruns e chats *online* etc. Os dados distribuem-se da seguinte forma: 413 ocorrências (42%) de padrões com o verbo suporte FAZER; 287 ocorrências (30%) com o verbo suporte DAR; e 277 padrões (28%) com o verbo suporte PASSAR. O gráfico abaixo ilustra a porcentagem no número total de construções encontradas com cada verbo:

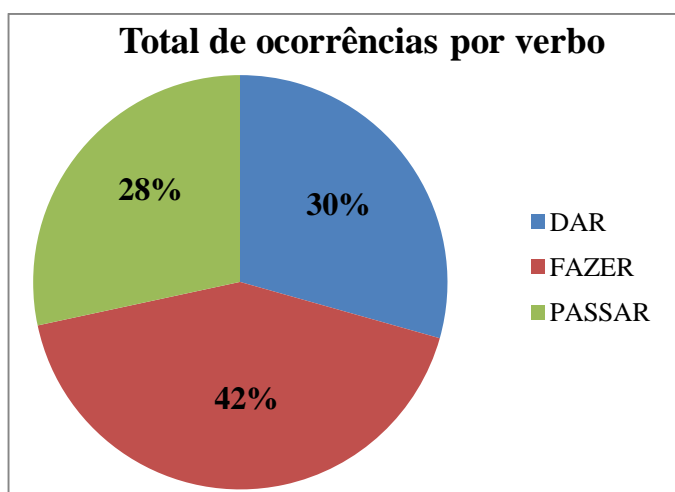


Gráfico 1. Distribuição de ocorrências por verbo.

3 Resultados

A partir da análise dos dados nota-se que seus usos configuram estratégias discursivas adotadas pelos falantes, que possuem como intuito causar ações explícitas (diretas) ou implícitas (indiretas) sobre algo e/ou alguém ou de mascarar uma real intenção frente a algo, situação e/ou alguém, para melhor entendimento seguem exemplos (4), (5) e (6):

Ex. 4: ãMarcelo: 'Gy **me faz de gato e sapato**'

Psiquiatra leva na brincadeira comportamento abusado da sister: Deitado na varanda do Quarto do Líder, Marcelo conversa com Natália e Gyselle. E, de repente, a piauiense decide transformar o brother em um apoio para os pés. O psiquiatra chama a atenção para o fato de forma bem humorada. ãA Gy gosta de **me fazer de gato e sapato**. Aliás, gato é bonito. Ela me faz de ursoõ, brinca. [Fonte: <http://bbb.globo.com/BBB8/Noticias/0.,MUL288514-9451.00-MARCELO+GY+ME+FAZ+DE+GATO+E+SAPATO.html>].

³ Sendo o *google* uma fonte muito extensa e vasta, optou-se por controlar a busca da seguinte forma: coleta das ocorrências de cada microconstrução até a quinta página. Como explicitado na parte introdutória deste artigo, todos os usos de [verbo-suporte + preposição + nome] foram considerados, assim sendo, o *corpus* é composto também por idiomatismos (como, *fazer de gato e sapato*, *dar de mão beijada*, *passar por cima do meu cadáver*).

Ex. 5: “Já começou, a cada rodada, a indução ao torcedor, de que o Flamengo é roubado, só pra esse lixo **se passar por coitadinho** e para que a opinião de quem critica esse esquema seja desqualificada e se torne sem importância.” [Fonte: <http://globoesporte.globo.com/go/torcedor-goias/platb/2014/09/22/goias-6-x-0-palmeiras/>].

Ex. 6: “A gente tem que **se fazer de louco**, pra realmente não enlouquecer, pois tá tudo fora do lugar, cade o amor em primeiro lugar?” [Fonte: https://www.pensador.com/a_vida_e_cheia_de_surpresa/].

Em (4), se verifica que a forma “*fazer de gato e sapato*” traduz uma ação explícita, pois Marcelo é usado como apoio para os pés para satisfazer a um capricho de sua amiga de confinamento, Gyselle. Esse ato de submeter e/ou rebaixar alguém durante uma situação evidencia claramente uma ação de caráter direto de uma pessoa para com outra. Em contrapartida, em (5), se nota que a forma “*passar-se por coitadinho*” corresponde a um efeito discursivo implícito, visto que quando uma pessoa pretende assumir o papel de “coitada” espera lograr sentimentos do interlocutor como, pena, dó, compaixão e assim, como no caso exemplificado, o time rubro negro busca por meio desse ato conseguir driblar críticas. Já no exemplo (6), se observa que o emissor do texto procura dissimular uma falta de lucidez, talvez repentina, para esquecer as aflições e angústias que sente ao refletir sobre a vida e se questionar sobre a falta de amor.

Verificou-se também que algumas construções são empregadas pelos falantes como estruturas/formas variantes. Ainda que apresentem diferenças formais e que umas sejam, possivelmente, mais atraídas em certos contextos de uso do que outras, nota-se um certo grau de comparabilidade funcional entre as formas baseado na contribuição semântica, discursiva e pragmática que elas trazem para o enunciado de uma maneira geral, ou seja, é possível detectar contextos em que funcionam como aloconstruções:

Ex7: “Se para ter um homem do seu lado, uma mulher precisa **dar uma de burra**, na verdade ela não vai **dar uma de burra** ela é burra. Ninguém deve deixar de ser o que é para ter alguém, pois isso não é relacionamento saudável. Bom eu acredito que ainda existam homens inteligente que sabem apreciar mulheres inteligentes e que nem em pensamento desejar ter do seu lado uma mulher que seja nem que **se passe de BURRA**.” [Fonte: <https://irismaroliveira.blogspot.com/2014/05/mulher-burra.html>].

Estruturalmente as construções em destaque são diferentes, mas funcionalmente são iguais, visto que ambas trazem ao enunciado a noção de fingimento (mulheres precisam parecer burras para conquistar homens; para mantê-los próximos). Essa variação ocasionada

por similaridade tanto entre as formas *õdar uma de burraõ* e *õse passe de burraõ* é capturada pela metaconstrução da construção mais esquemática.

Outro tipo de variação verificada no *corpus* se dá por analogia. Como observado nos exemplos abaixo, os usos da microconstrução *õfazer de mortoõ* desempenham diferentes funções: no exemplo (8), se observa uma avaliação subjetiva do falante com relação à cantora Pablo Vittar que se dá por meio de uma crítica, enquanto em (9), o cãozinho através de uma ação finge/dissimula uma condição (morte). Dessa maneira, podemos pensar no esquema *um para dois*, em outras palavras, uma forma para duas funções que estão intrinsecamente relacionadas pelos falantes:

Ex. 8: *õPablo Vittar chora no "Altas Horas" ao lembrar de bullying sofrido na infância*
Comentário de leitor: **SE FAZER DE MORTO** PRA COMER O COVEIRO, aí não violãõõ
[Fonte: <http://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/musica/noticia/2018/09/pablo-vittar-chora-no-altas-horas-ao-lembrar-de-bullying-sofrido-na-infancia-cjll1910j000m01px5vm2quma.html>].

Ex. 9: *õO pequeno hamster não é o primeiro animalzinho que fez sucesso ao se fingir de morto no YouTube. O cãozinho Bailey, em 2009, conquistou o mundo ao **se fazer de morto** no colo do dono.õ* [Fonte: <https://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2012/05/hamster-que-se-finge-de-morto-e-o-novo-hit-do-youtube.html>].

Notou-se ainda que determinadas construções são mais atraídas em determinados contextos do que outras, o que indica que a depender do contexto em que uma dada construção é usada há probabilidades/estatísticas de uso. As construções *õfazer de coitadoõ* e *õpassar por coitadoõ* são relacionadas negativamente/pejorativamente ao ex-Presidente Lula, contudo a estrutura *fazer de coitado* só foi encontrada até o momento em um contexto (contexto esse que curiosamente explicita a variação com a construção com o verbo *passar*), enquanto a construção *passar por coitado* é usada em diversos fragmentos que expressam críticas ao ex-Presidente:

Ex. 10: *õEduardo Bolsonaro se revolta com saída de Lula da prisão.*
Eduardo Bolsonaro afirma que Lula está **se fazendo de coitado** com a morte do neto [...] No ponto de vista do parlamentar seria uma situação absurda até mesmo cogitar esta possibilidade, disse Eduardo Bolsonaro em seu comentário pelo Twitter. Ele ainda usa o termo "laráprio" ao se referir ao ex-presidente e diz que Lula estaria querendo **se passar por õcoitadoõ**.õ [Fonte: <https://br.blastingnews.com/brasil/2019/03/eduardo-bolsonaro-se-revolta-com-saida-de-lula-da-prisao-002859691.amp.html>].

Ex. 11: *õLula retorna à cena política em Brasília disposto a **se passar por coitado e incompreendidoõ*** [Fonte: <https://ucho.info/2012/05/30/abusado-lula-retorna-a-cena-politica-em-brasilia-disposto-a-se-passar-por-coitado-e-incompreendido/>].

Ex. 15: ãEsse Cangaciro nada mais foi e é, um meliante esquerdista, disfarçado de santo e arrependido! Passadas as eleições, quer agora **dar uma de bom homem e vítima** do Lularápio! Ahhhh faça-me o favor, carai . Junto com seu irmãozinho, roubaram milhões do estado do Ceará e vem **dar uma de honesto e vítima**!ö [Fonte: <https://republicadecuritiba.net/2018/10/31/ciro-gomes-detona-fomos-miseravelmente-traidos-por-lula/>].

Em (13), a construção *õfazer das tripas coraçãoö* exprime uma forma convencional/cristalizada/idiomatizada pelos falantes usada em momentos/contextos em que pretendem expressar um esforço sobre-humano e/ou quando alguém faz o possível e o impossível para alcançar algo que deseja. É considerada lexicalizada devido sua natureza estrutural fechada, pois não admite a variação de colexemas dentro dos *slots*, tampouco a inserção de mais, ao contrário do idiomatismo observado em (14) *õfazer de olhos fechadosö* cuja natureza não é totalmente fechada por aceitar a inserção de mais um elemento à estrutura. Já em (15), exemplifica-se um caso de estrutura aberta, com variação no último *slot*. A variação presente na construção indica um caso de mudança construcional gerada somente no polo da forma. A alternância observada entre os nomes *õbom homemö* e *õhonestoö*, nesse caso, não afeta o significado da construção, já que ambas expressam uma crítica a respeito de uma encenação do caráter de uma figura política.

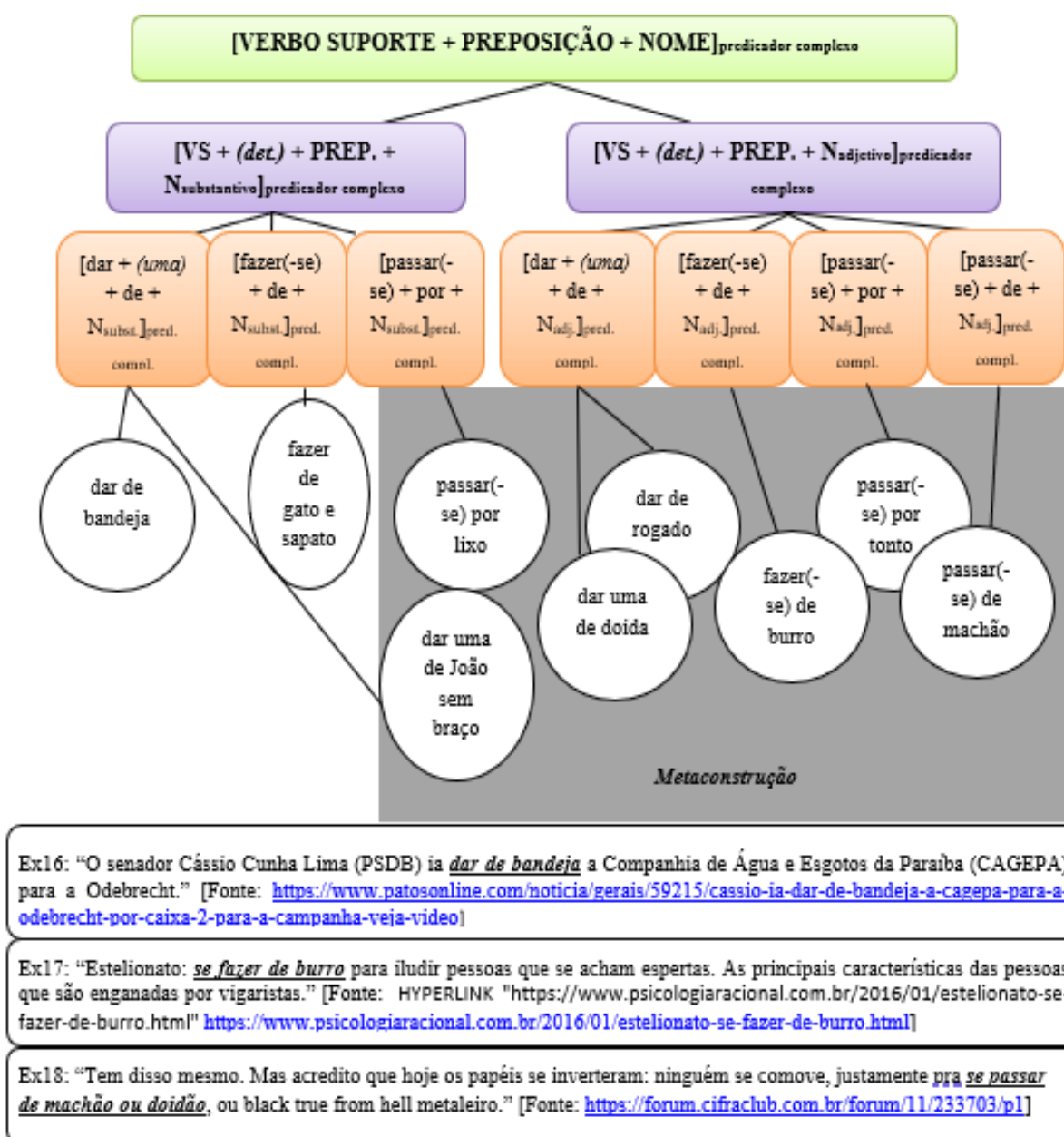
Ao analisar a forma dos verbos e nomes que constituem as construções em estudo, observa-se que os verbos além de aparecerem nas suas formas nominais ainda se flexionam em vários tempos verbais. Os nomes manifestam-se como substantivos e adjetivos e são de diversas naturezas. Diferentemente das construções analisadas com os outros verbos, as construções com o verbo *dar* se comportam de maneira diferente, pois mesclam entre estruturas que apresentam artigo indefinido (*uma*) e aquelas em que não há a presença do artigo:

Tabela 1. Estrutura das construções.

VERBOS		NOMES	
Indicativo	Infinitivo	Substantivo	Adjetivo
se faz de maluco (presente)	dar uma de inteligente	dar de bandeja (comum/ simples/concreto)	dar uma de difícil (simples/uniforme/ primitivo)
deu uma de João sem braço (pretérito)			
fará de otário (futuro)			
Subjuntivo	Gerúndio	dar uma de Christian Figueredo (próprio)	passar por tonto/tonta (simples/biforme)
se fizesse de burro	passando por bobo		

Imperativo Negativo	Particípio	fazer de gato e sapato (composto)	fazer de desamparado ⁴ (composto/derivado)
não se faça de vítima	feito de otário		

Os diferentes usos encontrados no *corpus* nos permitem configurar os níveis de esquematicidade, como se observa na projeção abaixo. Quanto mais alto nesse esquema, mais abstrato e menos preenchido, quanto mais baixo mais preenchido e menos abstrato.



Projeção 1. Rede com os níveis construcionais feitos a partir do *corpus*.

⁴ Se entende *desamparado* como um adjetivo composto por ter anexado dois afixos ao radical da palavra: *des-* (prefixo de negação) e *oado* (sufixo usado para marcar a forma nominal participia).

A construção no nível mais alto [VERBO-SUPORTE + PREPOSIÇÃO + NOME] dá margem a dois tipos de mesoconstruções ilustradas no segundo nível da projeção: i) construções em que N_{nome} é pertencente à categoria substantivo; e ii) construções em que em que N_{nome} é pertencente à categoria adjetivo. A primeira dá margem a três padrões construcionais (representados no terceiro nível) formados por DAR, FAZER e PASSAR ([dar(uma) de $N_{\text{substantivo}}$]; [fazer(-se) de $N_{\text{substantivo}}$]; e [passar(-se) por $N_{\text{substantivo}}$]) que dão margem a quatro microconstruções (*dar uma de João sem braço; dar de bandeja; fazer de gato e sapato; passar-se por lixo*), enquanto a construção em que nome é adjetivo dá margem a quatro padrões construcionais ([dar(uma) de N_{adjetivo}]; [fazer(-se) de N_{adjetivo}]; [passar(-se) por N_{adjetivo}]; e [passar(-se) de N_{adjetivo}])⁵ que dão margem a cinco microconstruções (*dar uma de doida; dar de rogado; fazer-se de burro; passar por tonto; passar-se de machão*).

Entre as microconstruções, hipotetiza-se a possibilidade de verificar variação entre elas em determinados contextos de uso que indiquem algum tipo de simulação/fingimento. O espaço em cinza corresponde à área de neutralização (metaconstrução) das dissemelhanças entre os padrões construcionais (aloconstruções). No nível mais baixo estão alguns exemplos de constructos, ou seja, a ocorrência em *corpus*.

Considerações finais

Este trabalho apresentou uma análise quantitativa e qualitativa dos usos feitos por brasileiros no âmbito escrito de constructos de microconstruções com os verbos suportes DAR, FAZER e PASSAR. De modo geral verificou-se que construções do tipo [Verbo-suporte (DAR, FAZER, PASSAR) + PREPOSIÇÃO + NOME] configuram estratégias discursivas adotadas pelos falantes expressas por meio de ação direta (humilhar, prejudicar o interlocutor de alguma maneira) ou indireta (fingir uma condição para lograr pena, compaixão do outro) sobre o interlocutor e, por vezes, refletem um intento de proteção da face frente algo, situação e/ou alguém. Além disso, seus usos (constructos) são percebidos como formas variantes (seja por similaridade ou por analogia). Nota-se também que se encontram num *continuum* estrutural, já que algumas estruturas são mais fechadas sem possibilidade de inserção de *slots* (lexicalizadas), outras são parcialmente preenchidas (semi-lexicalizadas) e algumas cuja

⁵ Cabe ressaltar que os usos a partir da macroconstrução [VERBO-SUPORTE + PREPOSIÇÃO + NOME] não se limitam apenas as construções em análise neste artigo, mas a outras, como por exemplo, *posar de coitado, tirar de vítima, bancar de bobo, pagar de tonto, pintar de maluco* etc.

natureza é aberta com várias opções de preenchimento nos *slots* (gramaticais). A partir da projeção elaborada com base no *corpus* verifica-se que correspondem produtivamente a pelo menos quatro microconstruções derivadas do subesquema construcional mais abstrato [Vsuporte + prep. + substantivo] e cinco microconstruções derivadas do subesquema construcional mais abstrato [Vsuporte + prep. + adjetivo].

Em suma, espera-se contribuir para o conhecimento acadêmico-científico sobre a descrição de construções com verbos-suportes no Português Brasileiro, em especial, as do tipo investigado neste trabalho, pautada no uso propriamente dito e na percepção que os falantes têm de seus constructos, levando em consideração seus funcionamentos nos diferentes espaços sociointeracionais.

REFERÊNCIAS

BYBEE, J. Cognitive processes in grammaticalization. In: TOMASELLO, M. (ed). *The new psychology of language*. NJ: Lawrence Erlbaum Associates, p.145-168, 2003.

CAPPELLE, B. Particle placement and the case for ðallostructionsö. *Constructions, Special*, Volume 1, p. 1628, 2006.

DIESSEL, H. Usage-based construction Grammar. In: DABROWSKA, E.; DIVJA, D. (ed.) *Handbook of Cognitive Linguistics*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, p. 296-322, 2015.

FILLMORE, C. Frame Semantics. In. The Linguistic Society of Korea (Ed.), *Linguistics in the Morning Calm*. Seoul: Hanshin, 1982, p. 111-137.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: Chicago University Press, 1995.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. *Compositionality*. In N. Riemer (ed.) *Semantics Handbook*. Routledge, p. 419-430, 2016.

HILPERT, M. *Construction Grammar and its Application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

LEINO, J.; OSTMAN, J. Constructions and variability. In: FRIED, Mirjam; BOAS, Hans. *Grammatical Construction. Back to the roots*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 191-213, 2005.

MACHADO VIEIRA, M. S. *Idiomatidade em construções com verbo suporte do Português*. Soletas, Rio de Janeiro, n. 28, p. 99- 125. jul-dez, 2014.

MACHADO VIEIRA, M. S. *Variação e mudança na descrição construcional: complexo verbo-nominais*. Revista Linguística, p. 152-170, 2016.

MACHADO VIEIRA, M. S.; WIEDEMER, M. L. Sociolinguística Variacionista e Gramática de Construções: os desafios e as perspectivas de compatibilização. In: MACHADO VIEIRA, M. S.; WIEDEMER, M. L. *Dimensões e experiências em Sociolinguística*. Blucher, 2019, p. 85-120.

MACHADO VIEIRA, M. S.; WIEDEMER, M. L. A variação no modelo construcionista da Linguística Funcional-Cognitiva. In: BRESCANCINI, C. R.; MONARETTO, V. N. O. (Orgs.). *Sociolinguística no Brasil: textos selecionados*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2020, p. 265-304.

MARTELOTTA, M. E.; PALOMANES, R. Linguística Cognitiva. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Manual de Linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, p. 177-192, 2011.

SOUZA, E. R. F.; PREZOTTO JÚNIOR, J. R. Graus de esquematicidade das construções verbo-nominais com o verbo *õdeixarõ* no português brasileiro. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 7, p. 34-56, jan./jun. 2017.

TRAUGOTT, E. C. & TROUSDALE, G. *Constructionalization and Construction changes*. Great Britain: Oxford University Press, 2013.

WIEDEMER, M. L.; MACHADO VIEIRA, M. dos S. Lexemas e construção: atração, coerção e variação. *Caderno Seminal Digital Especial*, v. 30, n. 30, p. 81- 132. 2018a.

WIEDEMER, M. L.; MACHADO VIEIRA, M. S. Sociolinguística e Gramática de Construções: o envelope da variação. In: FRANCESCHINI, L. T.; LOREGIAN-PENKAL, L. (Org.) *Sociolinguística: Estudos de variação, mudança e atitudes linguísticas*. Guarapuava: Editora da Unicentro, p. 41-77, 2018b.

Recebido em: 21 de novembro de 2020.

Aprovado em: 21 de fevereiro de 2021.